<h4 align="center"> Origens da Capoeira </h4> A capoeira, na sua mais completa defini□o e forma□o, nasceu no Brasil. Com in□io da coloniza□o, os portugueses viram no trabalho escravo um instrumento para o desenvolvimento desejado por eles. Tentaram, no come□, escravizar e explorar o trabalho dos ind□enas que aqui j□viviam, mas as caracter□ticas f□icas e culturais, somadas □resist□cia ao trabalho cativo por parte dos □dios, os levam □morte r□ida no cativeiro. A sa□a encontrada pelos colonizadores foi a escravid□ negra, o tr□ico de homens negros, trazidos do continente africano para o in□io de grande saga que marcou a sociedade brasileira: o per□do das torturas, da lei da chibata e da morte como reguladora das rela□es de trabalho. Um povo passou a viver na escravid□.   Assim, j□no in□io do s□ulo XVI, milhares de africanos foram desembarcados em terras brasileiras. Com eles, a hist□ia do pa□ ganhou altera□es. Inicialmente foram m□-de-obra nos canaviais e depois na minera□o e em outras atividades produtivas. Foram trazidos contra sua vontade mas, naturalmente, trouxeram sua cultura, sua viv□cia e, com ela, a semente da liberdade que nunca morreu, mesmo na terra marcada pelos horrores da escravid□.   □claro que essa cultura n□ estava nas escolas, nos livros nem nos museus. Mas era guardada no corpo, na mente, na viv□cia hist□ica do povo e transmitida h□s□ulos atrav□ das gera□es. Manifestava-se por interm□io da m□sica, da dan□, da comida, da filosofia e da religi□. Basta recorrer □hist□ia do Brasil e encontraremos, a partir do s□ulo XVI, a cultura negra presente com o seu vasto conjunto de express□s. <h5> a) A Resist□cia </h5> Nenhum povo vive eternamente sob o jogo da escravid□ sem se revoltar. Com o negro no Brasil n□ foi diferente. Suas primeiras rea□es contra o cativeiro foram as fugas e as revoltas individuais e desorganizadas. Com o tempo, sentiu a necessidade de organizar sua resist□cia contra o opressor e passou a planejar as fugas e a pensar as formas de luta que travaria para se libertar. Tamb□ entendeu que precisava de refugios seguros, longe das fazendas, da pol□ia e capangas do branco escravocrata. <h5> b) O Corpo Como Arma </h5> Para realizar as fugas, o negro entendeu que prescisava lutar. N□ tinha acesso a armas nem a qualquer outro recurso de guerra. Tinha apenas seu corpo e a vontade f□rea de se ver em liberdade. Havia trazido da □rica lembran□ de jogos e "dan□ das zebras", disputa festiva pelo amor de uma mulher. O pr□rio trabalho pesado dotava-lhe de for□ os m□sculos. Era preciso juntar e canalizar essa agilidade e for□ para a luta. A observa□o do comportamento de alguns animais brasileiros, particularmente o lagarto, a cobra e a on□, que atacam e defendem-se com destreza, ajudou na forma□o de um conjunto de movimentos que reuniu, ent□, a agilidade, a t□nica e a for□. Come□ram a ser ensaiadas, inicialmente, as rasteiras, os pulos, as cabe□das que iriam se desenvolver muito mais posteriormente. <h5> c) O Nome </h5> Tornou-se necess□io praticar, treinar e organizar os movimentos conhecidos em forma de luta. Para isso era necess□io afastar-se das vistas dos feitores e guardas das fazendas, engenhos e minas. Mais uma vez o negro encontrou na natureza esse apoio. Entrava nos matos pr□imos □ senzalas para se esconder e se preparar para a luta. Escolhia o mato com poucas □vores e de ramagem baixa. Essa

vegeta□o leva o nome ind□ina de "capoeira". Esse termo passou a designar tamb□ a forma de lutar e de adestrar o corpo utilizada pelo negro para enfrentar seus opressores: a Capoeira. <h5> d) Arte - Dan□ - M□sica - Instrumento </h5> ...Louvo aqui meu berimbau mestre eterno de todo capoeira na senzala
 ele avisava da chegada do feitor Berimbau avisou □□a chegada do feitor... Mas, nem sempre era poss□el afastar-se para o mato para o ensaio da luta. Como o negro nunca deixou de praticar sua cultura, era comum, durante o per□do da escravid□, que se juntassem grupos de homens e mulheres para a cantoria, para a dan□ e mesmo para o culto aos orix□ que tamb□ s□ saudados com ritmos e cantos. Como a Capoeira nasceu conjugado movimentos de dan□s, os encontros festivos ou m□ticos passaram tamb□ a ser mais uma oportunidade para a sua pr□ica, j□que esses encontros, principalmente os festivos, n□ eram reprimidos pelos donos de escravos. Assim a Capoeira ganhou o acompanhamento de cantos e ritmos que acabaram incorporados eram os dispon□eis e j□conhecidos pelo negro com destaque para o berimbau, o atabaque e o agog□ Mas foi o berimbau que ficou como uma esp□ie de s□bolo da Capoeira j□que o atabaque e o agog□integram a mitologia africana chegando mesmo, no caso do atabaque, a ser reverenciado como uma divindade. Desta forma, o berimbau, considerado o mestre dos mestres na Capoeira, ganhou import□cia nas lutas pelas suas possibilidades r□micas e sonoras. Ganhou a fun□o de comandar o jogo da capoeira com seus diferentes toques. Ent□, ao som dos instrumentos, palmas e cantorias, o negro recriava o seu universo cultural, cultivava o seu misticismo, alegrava-se ou lamentava-se e ainda se preparava para a luta. Primeiro registro sobre a capoeira. (Rugendas, 1824) Os feitores e capatazes passavam ao lado da festan□ e acreditam ser apenas um encontro para a "dan□ de Angola", que recebia esse nome em fun□o da na□o africana que mais cedeu negros para o tr□ico de escravos. Afastando-se os feitores, intensificava-se o treinamento e o negro aparelhava-se cada vez mais para lutar. Mesmo que um feitor parasse e ficasse admirando a dan□, dificilmente compreenderia que aqueles movimentos, executados com leveza dos felinos e com a pl□tica de um bailarino, pudesse trazer, no seu conjunto, poderosos golpes desequilibrantes, traumatizantes e r□idos como o bote da tem□el cascavel. <h5> e) As Fugas e os Quilombos </h5> Mas a escrevid□ continuava, o sangue do negro molhava as terras do Brasil ao mesmo tempo que sua for□-de-trabalho movia a economia da ent□ col□ia portuguesa. Mas o negro n□ aceitava a condi□o de escravo nem os m□odos desumanos da escravid□. Lutava, fugia, procurava ganhar for□s junto a outros setores da comunidade, sensibilizava os chamados abolicionistas.   Em suas fugas utilizava-se da Capoeira para o enfrentamento com os seus opositores. Embrenhava-se no mato, procurava um lugar onde a □ua fosse boa e a terra generosa e que fosse de dif□il acesso aos chamados "capit□s-do-mato", homens encarregados de recapturar os negros fugitivos. Essas localidades, que agregavam geralmente um significativo n□mero de homens e mulheres negros, ficaram conhecidos como "quilombos" e seus moradores como "quilombolas". Capit□ do Mato a

procura de escravos
 foragidos. (Rugendas, 1824) O mais famoso e importante quilombo da hist�ia brasileira foi o quilombo de Palmares, que surgiu no in�io do s�ulo XVII onde hoje se situa o atual Estado de Alagoas.   Esse quilombo ganhou import�cia pela sua organiza�o interna, sua capacidade de resist�cia na guerra contra os escravocratas e pela efici�cia de seus integrantes na produ�o de alimentos, roupas e posteriormente armas. Palmares resistiu a quase um s�ulo as agress�s dos brancos.   Todo quilombo possu� um l�er, o Ganga Zumba que, por sua vez obedecia a um l�er maior, com influencias em v�ios outros quilombos, chamado Zumbi, um misto de homem-guerreiro e de deus da guerra. O mais famoso foi justamente o lend�io Zumbi dos Palmares, hoje s�bolo da toda luta e resist�cia contra todas as formas de injusti□ e de opress□. Zumbi dos Palmares comandou os guerreiros de Palmares nos □ltimos anos de exist□cia daquele quilombo. Estrategista habilidoso, guerreiro imbat□el, instituiu a Capoeira no adestramento de seus homens. Palmares foi destru□o em 1694 pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho. Zumbi conseguiu escapar vivo, mas tempos depois foi tra□o. Preso, foi decapitado e sua cabe□ viajou quil□etros para assustar, intimidar os negros. N□ adiantou. Os negros julgavam Zumbi imortal e a luta continuou... <h4> A Aboli□o e as Dificuldades </h4> Em 1888 ocorreu "Aboli□o da Escravatura". O m□ino que se pode dizer □que a capoeira desempenhou importante papel para apressar o fim da escravid□ institu□a. Foi luta, foi resist□cia, foi instrumento que apavora os opressores. Reunidos em grupos, os negros formavam as famosas "maltas", conjunto de capoeiristas tem□eis que investiam contra fazendas e engenhos para libertar outros negros. A capoeira convenceu, pelo medo, aqueles que insistiam em ver na escravid□ vantagens econ□icas, que o melhor seria a aboli□o.   Mas os problemas dos negros n□ terminam com a assinatura da Lei □rea. A falta de trabalho, o dif□il acesso □ educa□o e mesmo a explora□o dos que conseguiam alguma forma de emprego continuam existindo e marcam nossa hist□ia at□os dias de hoje.   Os capoeiristas, ap□ a aboli□o, encontraram mais uma vez na capoeira meio de sustento e instrumento de educa□o de seus filhos e apadrinhados. Faziam exibi□es p□blicas, participavam de apostas e desafios nos quais sempre se podia ganhar algum dinheiro. Continuou tamb□ como uma arma de defesa de uma camada social explorada e discriminada.
 Por outro lado, foi imposs□el barrar o surgimento de grupos que colocavam a capoeira a servi□ de gr□finos e de pol□icos inescrupulosos que sabiam muito bem usar o povo contra o pr□rio povo. As Maltas menos esclarecidas eram utilizadas para desmanchar com□ios, perseguir advers□ios pol□icos e desmanchar reuni□s p□blicas. Consta at□mesmo que, aproveitando-se da ilus□ de que a princesa Isabel era protetora dos negros, os monarquistas criaram grupos de capoeiristas que atacavam os republicanos. <h4> A

Proibi□o </h4> Perseguida a ferro e fogo durante a escravid□, a capoeira continuou sendo alvo dos poderosos mesmo ap□ a aboli□o. Agora era com leis que tentavam dar-lhe um fim. O c□igo penal de 1890, criado e imposto durante o governo de Deodoro da Fonseca, proibiu a pr□ica da capoeira em todo o territ□io nacional. O c□igo foi refor□do com decretos que especificavam penas pesadas contra capoeiristas. A persegui□o oficial somava-se o □io de alguns chefes, chefetes e vassalos da pol□ia que tentaram, ent□, exterminar por completo a capoeira. O motivo s□pode ser aquilo que ela traz na sua ess□cia: A Liberdade.   E foi em nome da liberdade, agora n□ somente para o negro mas para a capoeira como um todo, que a luta continuou. E mesmo sob o ferro da repress□, grandes nomes de capoeiristas c□ebres passaram para a hist□ia como Nascimento Grande, Manduca da Praia, Natividade, Pedro Cobra e Besouro Magang□ entre outros. Mas □o nome desse □ltimo, Besouro, nasceu na Bahia e ganhou esse nome devido □lenda que o cerca, atribuindo-lhe a capacidade de se transformar em inseto e fugir voando quando cercado por muitos homens armados. Sem usar armas, o famoso capoeira, bateu-se a vida toda contra a injusti□. Defendeu trabalhadores contra patr□s desonestos, investiu in□meras vezes contra a pol□ia para defender inocentes. Perseguido, nunca deixou-se prender. Nem as balas conseguiram acabar com ele. Foi v□ima de uma arma mais poderosa: A Trai□o. Seu nome □gl□ia na capoeira e s□bolo de todo aquele que combate a injusti□ e a desigualdade. Mesmo com toda persegui□o, a Capoeira n□ foi extinta. Nos terreiros, nos quintais, no mato, ela continuou sendo transmitida de pai para filho, de amigo para amigo, de camarada a camarada. Continuou inclusive seu aperfei□amento, sua capacidade de dotar o corpo de condi□es perfeitas para todo o tipo de enfrentamentos. Sobreviveu aos diversos per□dos ditatoriais pelos quais passou a Rep□blica no Brasil.   Em 1932, no Governo de Get□lio Vargas, o pa□ enfrenta mais uma de suas in□meras crises. Get□lio Vargas, pol□ico esperto, trata de agradar o povo com medo de sua poss□el revolta organizada. Sabia que a Capoeira estava latente no seio do povo e mandou que a liberassem. Imp□, por□, a condi□o de que ela fosse praticada apenas como "folclore", e que perdesse, assim, sua condi□o de cultura popular, de elemento utilizado pelo povo. <h4> Da Angola Surge a Regional </h4> Foi ap□ a libera□o que a hist□ia de Capoeira sofre uma profunda divis□. Continuou sendo praticada nas suas oringens, ainda com o nome de Capoeira de Angola, mas perdia terrenos para outras formas e costumes que visavam atender a interesses econ□icos, como o turismo, e interresses pol□icos para agradar autoridade plant□. Um nome que lutou a vida toda para preserva□o da Capoeira, como cultura popular, como heran□ hist□ica foi Mestre Pastinha - Vicente Ferreira Pastinha, chamado Mestre dos Mestres na Capoeira. Para Pastinha, a Capoeira era muito mais que luta, que esporte, era filosifia de vida. Mestre Pastinha A grande marca da Capoeira de Angola □o seu apego □ intui□o, □capacidade do corpo de responder as necessidades, cultiva mais que a for□, o reflexo e a mal□ia. Caracteriza-se muito mais pela defesa do que pelo ataque e perspic□ia em perceber o melhor momento para os golpes fatais.

Essas caracter&#65533;ticas dotam-lhe de grande beleza pl&#65533;tica e nas rodas, os movimentos parecem ocorrer em c&#65533;era lenta. Isso deu ao Mestre Pastinha a condi&#65533;o de ser chamado de "O Poeta da Capoeira".   Outro nome a respeito e import&#65533;cia dentro da Capoeira foi o Mestre Bimba - Manoel dos Reis Machado, baiano, criador da Capoeira Regional. Bimba aprendeu capoeira com um negro africano. Seu primeiro contato foi com a Capoeira de Angola. Tendo sido um excelente aluno, tornou-se rapidamente um ex&#65533;io capoeirista. Preocupou-se com o aperfei&#65533;amento t&#65533;nico da capoeira e foi o primeiro a tentar sistematizar uma linha para o aprendizado da luta. Passou a estudar os movimentos do corpo na capoeira, seu equil&#65533;rio e a velocidade que precisavam atingir. Tomou contato com outras lutas, observou novamente as dan&#65533;s brasileiras. Juntou tudo isso e formou um m&#65533;odo de ensino no qual, antes de conhecer a capoeira propriamente, o aluno passa por uma s&#65533;ie de exerc&#65533;ios f&#65533;icos que lhe dar&#65533; condi&#65533;es de jogo, e luta. Bimba foi absorvido, em grande parte, pelas id&#65533;as de transformar a capoeira em puro Esporte Nacional, sem associ&#65533;la a sua Ess&#65533;cia Hist&#65533;ia mas, nem por isso, deixou de prestar um grande servi&#65533; &#65533;Capoeira. Sua preocupa&#65533;o maior foi a de permitir que qualquer um, branco, negro, forte ou fraco, tivesse acesso ao aprendizado da Capoeira.
 Mestre Bimba <hr /> <h4> Nos Dias Atuais </h4> Hoje, n&#65533; sem luta nem sem esfor&#65533;s, a capoeira ganhou mais espa&#65533; e respeito. Sua for&#65533; e import&#65533;cia s&#65533; de tamanha grandeza que, mesmo diante de tantas persegui&#65533;es, continua existindo e se multiplicando. S&#65533; in&#65533;meras as academias existentes no pa&#65533; e, em muitas, a preocupa&#65533;o com a preserva&#65533;o de sua integridade hist&#65533;ica &#65533; constante. Algumas, ao lado da regional, ensina-se tamb&#65533; a capoeira de angola. Em toda academia que merece ser chamada de academia de capoeira s&#65533; ensinados os c&#65533;ticos, as m&#65533;sicas e letras e o dom&#65533;io de, pelo menos, um dos instrumentos da capoeira.
  Um forte movimento social, juntamante com pedagogos, psic&#65533;ogos e professores, vem desenvolvendo um trabalho s&#65533;io no sentido de provar &#65533; autoridades que o ensino da capoeira &#65533;uma pr&#65533;ica das mais adequadas para os estudantes brasileiros. O movimento visa &#65533;ado&#65533;o da capoeira nas salas de aulas de educa&#65533;o f&#65533;ica, nas escolas brasileiras.   Muitas escolas j&#65533;adotaram no Rio de Janeiro, na Bahia e em S&#65533; Paulo. O argumento incontest&#65533;el para essa ado&#65533;o &#65533;o que a capoeira proporciona em termos de equil&#65533;rio, concentra&#65533;o, aumento dos reflexos e de toda a coordena&#65533;o motora. Al&#65533; disso, o contato com a capoeira &#65533;um mergulho na hist&#65533;ia do pa&#65533;. Um incentivo para uma vis&#65533; de mundo mais solid&#65533;io e mais humana, no conturbado contexto de nossa sociedade atual.